



ChatGPT não é gênero discursivo

ChatGPT is no discursive genre

Gleiton Matheus BONFANTE*

RESUMO: Uma das consequências da dataficação é uma relação extrativa entre sociedade e empresas de tecnologia cujas plataformas se embrenham em nossas vidas, como as Inteligências Artificiais. Uma das consequências do rápido desenvolvimento e popularização de ferramentas de inteligência artificial é o questionamento em torno da conveniência de sua incorporação às práticas pedagógicas como a produção textual. Aqui é defendido que a IA pode ser relevante para prática de escrita, mas não é um gênero discursivo. A partir das potencialidades e impedimentos do ChatGPT, é discutido o conceito de gênero discursivo, o estatuto da escrita em nossa sociedade, e os processos capitais por trás de decisões políticas em torno da adoção de IA no ensino público. As lentes teóricas que enquadram esse trabalho são da Linguística Aplicada Indisciplinar (Moita Lopes, 2006) e do Capitalismo de Vigilância (Zuboff, 2015). Entre os resultados aponta-se a configuração de um regime de reminiscências despersonalizadas como forma de permanência discursiva na atual economia dos dados.

PALAVRAS-CHAVE: ChatGPT. Educação linguística. Dataficação. Gênero discursivo. Capitalismo de vigilância.

ABSTRACT: One of the consequences of datafication is an extractive relationship between society and technology companies whose platforms are embedded in our lives, such as Artificial Intelligence companies. One of the consequences of the rapid development and popularization of artificial intelligence tools is the questioning of whether they should be incorporated into teaching practices such as text production. It is argued here that AI may be relevant to writing practice, but it is not a discursive genre. Based on the potentialities and impediments of ChatGPT, the concept of discursive genre, the status of writing in our society, and the capital processes behind political decisions on the adoption of AI in public education are discussed. The theoretical lenses that frame this work are Interdisciplinary Applied Linguistics (Moita Lopes, 2006) and Surveillance Capitalism (Zuboff, 2015). Among the results is the configuration of a regime of depersonalized reminiscences as a form of discursive endurance in the current data economy.

KEYWORDS: ChatGPT. Language education. Datafication. Discursive genre. Surveillance capitalism.

Artigo recebido em: 22.07.2024

Artigo aprovado em: 28.09.2024

* Doutor Interdisciplinar em Linguística Aplicada (UFRJ). Pesquisador visitante no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense com financiamento FAPERJ (Processo SEI-260003/019705/2022). supergleiton@gmail.com

1 Introdução ou As reminiscências humanas despessoalizadas

Em 1951, faleceu a paciente oncológica Henrietta Lacks. Ao contrário do observado até então, as células cancerígenas produzidas pelo corpo de Henrietta eram imortais. Continuaram se reproduzindo *post mortem* e, por sua peculiar durabilidade, foram empregadas em diversas pesquisas oncológicas responsáveis por salvar muitas vidas. As células de Henrietta Lacks, renomeadas células HeLa foram distribuídas por diversos centros de pesquisa ao redor do globo e seguem vivas até hoje. Apesar da morte de Henrietta há muitas décadas, a biomassa de suas células reproduzidas superou as 20 toneladas (Skloot, 2010). Apesar de não podermos arguir que esses pedacinhos remanescentes sejam a Henrietta, é inegável que eles se originaram dela e são expressões cabais de sua singularidade e unicidade como ser humano. São reminiscências despessoalizadas de Henrietta.

A dataficação¹ da vida prevê democratizar o destino de Henrietta, transformando o humano vivo em reminiscências despessoalizadas virtuais. Ao pensarmos a forma como empresas de *big tech* lideradas pelo Google tomam, frequentemente sem autorização e consentimento, qualquer ação online, a despessoalizam e transformam em dados legíveis que irão alimentar produtos duráveis como softwares, bancos de dados, modelos matemáticos, e inteligências artificiais, seria possível traçar uma analogia entre a existência imortal de Henrietta fora de si mesma e o futuro humano relegado à conversão corpórea à imortalidade dos dados. Mesmo depois de morrermos, as informações que produzimos singularmente ou em conjunto perdurarão como reminiscências subjetivas digitalizadas. Como nas células HeLa, talvez seja difícil ou até impossível nos reconhecer nesses bits², no entanto eles são partes que remanescem de uma existência corpórea que o tempo

¹ Citando o texto seminal de Meijas e Couldry, podemos explicar *dataficação* como “um fenômeno contemporâneo que se refere a quantificação da vida humana através de informação digital, frequentemente por valor capital” (Meijas; Couldry, 2019, p. 1)

² O *bit* é a unidade básica de informação. São arranjos binários de 0 e 1 que comportam informação a ser transportada. Um *byte* possui 8 *bits*.

apagará. Uma das formas como a inteligência artificial pode chacoalhar nossos mundos é radicalizando esse paradigma despersonalizado de permanência, que, a meu ver, baseia questões de ética, autoria e dataficação (Couldry; Mejias, 2019) colonial.

A analogia entre as células HeLa e os *bits* é empregada aqui para propor o contexto em que essa escrita se desenvolve e para tangenciar interdisciplinarmente os temas, a respeito dos quais discorre: a sociedade de plataforma, a dataficação da vida e o uso da inteligência artificial para a produção de textos. Neste contexto social em ebulição, assinala-se os recentes ocorridos no governo de São Paulo que, sem discussão prévia com a sociedade civil, implementou programas de inteligências artificiais (Palhares, 2024a, 2024b) na preparação de material didático e na correção de atividades de alunos do Ensino Médio da rede pública. É possível observar na decisão do acólito do bolsonarismo um alinhamento ideológico ao neoliberalismo empresarial que pretende a conversão do dinheiro público em grandes sumas financeiras para empresas privadas. Frequentemente contradito como política que prevê o corte de gastos, o projeto neoliberal já se provou completamente ineficaz em reduzir gastos estatais pois o desemprego que o regula é caro, assim como a previdência social (Anderson, 1995). Visto que a regulação política por meio do desemprego falhou, muitos estados parecem promover diferentes níveis de necropolítica para tentar reduzir os gastos previdenciários. Essa é a conclusão lógica do projeto neoliberal. O estado de Tarcísio, recordista absoluto de violência³ e óbitos causados pela polícia parece fornecer comprovação numérica para tal asserção.

Embora o neoliberalismo não tenha alcançado o paraíso capital prometido, ele foi muito bem-sucedido em aumentar os abismos econômicos e sociais e na garantia de privilégios econômicos a empresas. Este é o primeiro ângulo com que esse artigo vai refletir acerca da inteligência artificial como objeto de ensino: Inteligências artificias

³ De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2024), PM de Tarcísio é campeã também em homicídios causados por policiais de folga.

são produtos vendidos por empresas, ou seja, são instrumentos motivados por uma lógica de acumulação. “Firmas são todas avaliadas de acordo com os termos de uma única e compartilhada lógica de acumulação” (Zuboff, 2015, p. 77). Assim, a segunda seção deste texto se lança a descrever o modelo de negócios da OpenAI e prescrutar os motivos políticos para sua liberação gratuita e para a adesão governamental a IA como solução inequívoca para quaisquer problemas na educação pública. Axioma aqui será que as possibilidades do *machine learning* estão sempre circunscritas por autoridade e poder. Não há agência maquínica inocente, suspensa do âmbito social e político.

O segundo objetivo deste texto, explorado na terceira parte, é discutir trabalhos recentes que pensam a relação entre ensino, sobretudo linguístico e o ChatGPT como Pinho, Gaspar e Sassi (2024) e Gonçalves e Coitinho (2024). Nessa parte do texto a IA é discutida em profundidade, são argumentadas as vantagens e desvantagens do uso da IA gerativa na sala de aula, e é delineado, a partir de um panorama das discussões acerca da relação entre educação linguística e uso da IA, um gesto experimental de investigação com IA nas ciências da linguagem.

A partir das seções anteriores, a quarta parte do texto vai desenvolver reflexões a respeito dos gêneros do discurso para defender a tese de que as IA gerativas como ChatGPT não são um gênero textual, e não podem ser instrumentos benéficos à prática crítica e contextualizada da escrita. Na reflexão acerca de gêneros textuais será explicado o que se entende por gênero discursivo e será argumentado que a IA não é uma ferramenta adequada para produzir textos autorais. Na quinta seção, será questionado a respeito do estatuto social das práticas situadas de leitura e escrita e será proposto o termo meta-gênero textual para as IAs geradoras de texto e que conseguem juntar ou assemblar – para usar um termo de Buzato (2023) – novos produtos textuais a partir da contraparte contemporânea das células HeLa: as informações despersonalizadas agrupadas online em bancos de dados.

2 Empresas de Inteligência Artificial são empresas

A OpenAI é a empresa responsável pela criação do ChatGPT, um produto de dados compartilhado com a sociedade gratuitamente⁴. Apesar da gratuidade do serviço, OpenAI é uma empresa e, portanto, é movida por uma lógica de acumulação. Embora de forma tácita, ela lucra com o uso da ferramenta por duas vias: o treinamento de sua IA a partir das interações com a sociedade e a publicidade positiva da empresa pelo compartilhamento da tecnologia.

A lógica da acumulação organiza a percepção e molda a expressão dos recursos tecnológicos em suas raízes. É o contexto assumido de qualquer modelo de negócios. Suas suposições são em grande parte tácitas, e seu poder de moldar o campo de possibilidades é, portanto, em grande parte invisível. Ela define objetivos, sucessos, fracassos e problemas (Zuboff, 2015, p. 77).

Embora as lógicas de acumulação sejam pervasivas aos empreendimentos capitais, os modelos de negócios⁵ podem variar. Nos modelos de negócio de empresas que investem em aprendizado de máquinas, essa acumulação não se reduz ao capital, conseguido com a venda de seus produtos. Cada vez mais, ela se aloja na dataficação que, por sua vez, pode ser entendida como um modelo de negócios ubíquo, do qual o Google é o líder. De acordo com Meijas e Couldry, dataficação é definida pela “transformação mais ampla da vida humana, de modo que seus elementos possam ser uma fonte contínua de dados” (2019, p. 2). Para os autores, a dataficação, esse fenômeno contemporâneo que prevê a quantificação da vida por meio de informação digital, é um ‘novo jeito de interpretar o mundo’ através de bits (Meijas; Couldry, 2019,

⁴ A OpenAI oferece à sociedade duas ferramentas de Inteligência Artificial, o Chat GPT 3.0 e o Chat GPT 4.0. Só o primeiro serviço é gratuito. A diferença mais substancial entre os dois é o tamanho e qualidade dos bancos de dados. Além de mais dados, a versão 4.0 conta com maior diversidade de tipos de dados, incluindo imagens, áudios, filmes, além de inputs textuais. Contudo, é possível prever que, à medida que as IAs se desenvolvem e novas IAs substituam as versões pagas, as antigas versões pagas sejam disponibilizadas gratuitamente.

⁵ Modelos de negócios são entendidos como a racionalidade a partir da qual uma organização cria, entrega e captura valor (Osterwalder; Pigneur, 2010).

p. 2). Esse gesto interpretativo possui e gera valor, na medida em que os dados alimentam modelos matemáticos de previsibilidade e, por isso, possuem grande valor de mercado.

Se considerarmos que cada bit dos dados, independentemente de sua trivialidade possui um valor potencial (Helmond, 2015; Mejias; Couldry, 2019), poderíamos facilmente perceber uma diferença qualitativa entre a geração de dados do Google, a empresa líder no mercado de dados, e o ChatGPT no que se refere ao tipo de textos com que trabalham, e conseqüentemente na complexidade de informações e dados que podem ser agregados nas interações entre humanos e máquinas aprendizes. Embora a ferramenta de busca do Google seja o site mais visitado do mundo, os termos que o usuário insere na plataforma são termos-chave para busca, ou seja, são compostos por frases pequenas e sintagmas de poucas palavras. Não é à toa que o Google não para de criar e oferecer serviços gratuitos. Quanto mais dados circularem em suas plataformas, mais capital potencial a empresa pode explorar por meio de leilões. Nas palavras com que Zuboff descreve o modelo de negócios do Google: “Mais usuários produzem mais exaustão, o que melhora o valor preditivo das análises e resulta em leilões mais lucrativos. O que importa é a quantidade, não a qualidade” (Zuboff, 2015, p. 5).

No caso do OpenAI, o valor qualitativo dos dados não pode ser desprezado. É a interação com o usuário que viabiliza o aprendizado da máquina e o desenvolvimento do produto gerador de textos, o ChatGPT. Como nas outras relações com *big techs*, não somos os consumidores da tecnologia. Embora tiremos algum proveito do trabalho da máquina, estamos provendo *inputs* com os quais a máquina aprende: estamos trabalhando como professores da máquina. Em termos comparativos, o trabalho textual do ChatGPT não envolve apenas termos de busca, mas comandos complexos, correções, retificações, sugestões, edições, sempre fornecendo à máquina, ferramentas com as quais aperfeiçoar seu próprio trabalho. Este trabalho dialógico de devolutiva do texto esconde um processo de extração.

“Extração é um processo de uma via, não um relacionamento.” (Zuboff, 2015 p. 5). É também um processo invisível, que baseia nossa relação com empresas *big tech*.

Em sua plataforma oficial, a OpenAI declara sua missão de “assegurar que a inteligência artificial gerativa, ou seja, sistemas altamente autônomos que superam os humanos na maioria dos trabalhos de valor econômico, beneficie toda a humanidade.” (OpenAI, 2022) Essa asserção esconde o fato de que muitos não foram aceitos no “clubinho da humanidade” (Krenak, 2019) e que essa tecnologia provavelmente causará muito mais exclusão⁶ que inclusão num primeiro momento (Zarifhonarvar, 2023). Um grupo de cientistas anônimos ou não de grandes empresas de IA saíram a público em um manifesto pelo direito de avisar sobre os riscos da IA para a vida humana. A carta que pode ser lida aqui <https://righttowarn.ai/>, cita como riscos da IA já reconhecidos pelas empresas, governos e cientistas “o aprofundamento das desigualdades existentes, a manipulação e a desinformação, a perda de controle de sistemas autônomos de IA que podem resultar na extinção humana” (Righttowarn, 2024). Eles urgem à sociedade civil para ajudar na cobrança de transparência dessas empresas que tem poder o suficiente para continuar nos colocando em riscos não conhecidos publicamente.

Ademais, a generosidade do compartilhamento de um gerador de textos que superará o humano mascara a dependência do sucesso do ChatGPT da própria humanidade, por meio de um tipo de vampirismo empresarial, que absorve os dados produzidos digitalmente, para produzir um novo guru do conhecimento. Em outras palavras o desenvolvimento da inteligência artificial gerativa, produto comercializado pela OpenAI depende diretamente da quantidade e diversidade de pessoas que interagem com o chat. Desde que disponibilizado online, ele tem sido alimentado por

⁶ No campo da economia, as implicações do ChatGPT oferecem percepções valiosas. O aspecto mais importante desses serviços baseados em IA está em seu impacto sobre as forças de trabalho e o mercado de trabalho. Prevê-se que a introdução do ChatGPT exercerá uma influência substancial na dinâmica do mercado de trabalho, podendo tornar obsoletas determinadas funções de trabalho e, ao mesmo tempo, gerar novas oportunidades de emprego. Ver Zarifhonarvar (2023).

internautas. O que fica claro em uma comparação entre o modelo de negócios do Google descrito por Zuboff (2015) e o modelo de negócios da OpenAI, é que nós não somos os consumidores de tais tecnologias. Somos apenas elos na cadeia de produção: domesticados para propaganda no caso do Google e tutores para aprendizado automático no caso da OpenAI. Esse processo extrativo que faz o desenvolvimento desse software possível, acontece normalmente na ausência de diálogo, consentimento e transparência. Nós somos duplamente afetados: somos as fontes das quais procede a extração de dados e os alvos dos produtos que ela possibilita. (Couldry; Mejias, 2019; Zuboff, 2015) Na discussão das características do capitalismo de vigilância que ela conceitua a partir do modelo de negócios do Google, Zuboff (2015) descreve o papel central da extração na desdemocratização capital das empresas. Ela explica que o modelo fordista de produção apostava numa reciprocidade social, que implica entender os funcionários em seu papel duplo: colaboradores da empresa e consumidores. Zuboff (2015) sugere ser essa dependência estrutural entre firma e a sociedade civil de suma importância para manutenção de um relacionamento histórico entre capitalismo de mercado e democracia. Para a autora, “A ‘extração’ resume a ausência de reciprocidades estruturais entre a empresa e suas populações.” (Zuboff, 2015, p. 5).

Podemos estabelecer uma analogia entre o modelo extrativo do Google e a OpenAI? Embora a OpenAI declare que sua missão seja “construir Inteligências Artificiais gerais seguras e benéficas”, os termos de reciprocidade não figuram em nenhum lugar de sua página. Ademais, sabe-se pela carta do RighttoWarn.ai que as empresas não são honestas a respeito dos riscos de suas tecnologias e que elas possuem poder para causar um cenário apocalíptico se movidas por modelos de negócios anti-éticos, ou que privilegiem a lógica da acumulação em detrimento da vida. Nesse sentido, sem descrever com clareza o que toma da sociedade civil ou os riscos que apresenta, a OpenAI segue o Google na extração de dados e no rompimento com a reciprocidade, típicos do modelo de produção capitalista de vigilância.

Essa breve discussão acerca da dinâmica empresarial extrativista de empresas como Google e OpenAI e os riscos ainda inauditos que apresentam faz confrontar a questão da ubiquidade capital nos processos de produção de conhecimento, sobretudo no desenvolvimento de softwares aprendizes. E coloca a seguinte a questão: estamos todos dispostos e livremente decididos a colaborar com modelos de negócios que sem pedir permissão se embrenham em nossa privacidade até encontrar alguma resistência legal⁷ ou civil? Temos conhecimento esclarecido acerca do tema para que tomemos nossas decisões? Indivíduos em minoridade, julgados pela lei como incapazes de tomar decisões em diversos âmbitos, são capazes de escolher livremente pela cessão de suas produções sem serem seduzidos pelos produtos gerados pela mineração, extração e análise de dados subjetivos despersonalizados?

Todas essas questões levantam problemas éticos da adoção acrítica de empresas (IA ou não) que visam o lucro privado como promovedoras de conhecimento na esfera pública. Elas só podem encontrar uma resposta em debate com uma sociedade civil esclarecida, ciente da base vigilante do capital, da apropriação exaustiva e lucrativa dos dados e do papel humano no desenvolvimento de ferramentas de inteligência artificial.

3 Inteligência artificial e educação linguística

Embora as inteligências artificiais possuam componentes técnicos em comum, elas oferecem mundos de conhecimento completamente diferentes de acordo com o tipo de conteúdo com que elas são alimentadas: o que elas sabem⁸ e, portanto,

⁷ Uma pesquisa rápida no jusbrasil.com.br aponta que existem atualmente no Brasil 28.957 processos contra **Google Brasil Internet Ltda.** As ações judiciais contra a empresa Google são muito numerosas em todo o mundo, apesar de a maioria de seus escândalos judiciais ocorrerem de forma privada.

⁸ Notem que **saber** no caso das inteligências artificiais não significa ter acesso consciente a um tipo de conhecimento adquirido, mas apresentar um banco de dados amplo onde as informações adjungidas podem ser consultadas, reorganizadas e reproduzidas, após terem sua autoria e contexto de produção apagados.

entextualizam⁹ em suas interações e respostas se encerra nos textos a que tiveram acesso durante seu treinamento, naqueles textos que compõem seu banco de dados. Considerando que o foco nesta tessitura seja a interação com ChatGPT da OpenAI em contextos de produção de textos, não há clareza sobre o que um software de IA sabe ou da sua filiação ideológica, pois uma análise do banco de dados que alimenta esses programas nunca foi feita. E o desafio metodológico para tal se torna cada vez maior, devido não apenas à profusão de dados, mas à alimentação do programa pela sociedade civil, que ocorre através do uso e é, por isso, de difícil controle ou análise. Apesar de não saber exatamente os tipos de conhecimento que alimentaram sua base de dados, podemos esboçar o que ele é. *Chat* é uma palavra que se refere tanto a um processo dialógico de intercâmbio de informações quanto a um fenômeno digital. *GPT*, por sua vez se refere a transformação gerativa pré-treinada (*generative pre-trained transformer*). O chatGPT é uma rede neural profunda que emprega várias técnicas de aprendizado de máquina para processar e gerar textos em língua natural: um software que possui um banco de dados tão grande que consegue interagir dialogicamente com humanos. Suas habilidades geradoras de textos tem sido foco de tensão e discussão na educação linguística e em diversas áreas do conhecimento. Nas discussões correntes a respeito da relação entre a produção de conhecimento e o emprego de AI, podemos dizer que “autoria, originalidade, compromisso ético na construção textual e papel dos professores no processo de ensino e aprendizagem” (Cavalcante; Lemos, 2023, p. 4) são questões relevantes e que permanecem sem resposta até compreendermos que a capacidade de gerar textos, até então dependente da prática, está se tornando uma questão de comando¹⁰. Por meio de comandos, o texto é encomendado à máquina, por

⁹ A entextualização reforça a ideia de que existem deslocamentos de sentidos incontornáveis nas práticas sociais de citação e transposição textual (maquímica ou não): as interações sociais que resultam no enunciado original são diferentes daquelas entextualizadas em alguns outros contextos. Em outras palavras, os textos produzidos por IAs geradoras apagam seu contexto original, desconsiderando ou obliterando suas viagens e trajetórias semióticas.

¹⁰ Já existe uma nova área profissional em Inteligência Artificial conhecida por *prompting*, que cuida da eficiência nos processos de comunicação e comandos à máquina com o foco na otimização dos produtos

um humano que sabe a língua da máquina a qual escreve a língua humana a partir de modelos de seus bancos de dados. O perfil de Instagram @gpt_academico é descrito como “Pesquisa Científica com IA” e ensina em seus posts como elaborar um artigo científico por meio de comandos. Há outros perfis voltados para a mesma prática como @chryserth, que propõe a escrita de um artigo inteiro por intermédio de comandos e ajustes dos textos-produto. Quais seriam para a educação linguística as implicações de abandonar o ensino de práticas sociais contextualizadas em detrimento de comandos? Viria a IA substituir o conhecimento forjado na prática por uma educação dos comandos? Seria *Prompting* linguístico-textual uma nova disciplina nos cursos de Letras?

Vicari (2021) propõe que a Inteligência Artificial é um fenômeno multidisciplinar e sugere que as vantagens mais óbvias das máquinas aprendizes seriam a velocidade de processamento, destreza em cálculos matemáticos e o armazenamento de informações. Um programa de Inteligência Artificial confere um kit de ferramentas para mineração de informações online ou em banco de dados. “A Inteligência Artificial utiliza-se de diferentes técnicas para fornecer informações baseadas em grandes volumes de dados” (Pinho; Gaspar; Sassi, 2024, p. 6). Embora esteja em dúvida sua capacidade de análises finas e subjetivas, observações detidas, cuidadosas e criativas, a IA permite lidar com quantidades cada vez maiores de corpora, o que está promovendo – junto a outros fenômenos – uma revolução matemática-capital no tratamento da vida a partir dos dados: propondo novos paradigmas de conhecimento, fortemente influenciados pelos modelos de negócios das *big techs* e empresas mineradoras de dados e pela previsibilidade estatística da vida.

textuais gerados por elas. É importante dizer que além de linguagem natural, o ChatGPT também domina outras linguagens, como as de programação (Python, Java.) A área de *prompting* é muito popular entre programadores que já não precisam se ater aos detalhes sintáticos dos códigos, concentrando seus esforços na lógica final. Assim, terceirizam ao GPT os comandos de escrita e assemblam seus softwares a partir dos produtos desses comandos.

Pelo ponto de vista das transformações tecnológicas que vivemos, a “quebra de paradigmas e a disrupção podem mudar a tendência [educacional] a qualquer momento” (Vicari, 2021, p. 81). E tendo em vista a forma como as Inteligências Artificiais vem rapidamente sendo defendidas como excelentes ferramentas educacionais, é justo perguntar: “Onde estará a disrupção nos sistemas educacionais?” (Vicari, 2021, p. 81).

Embora não respondam a essa questão, a análise de Baidoo-Anu e Anshah nos interessa por mergulhar na questão das rupturas possíveis da IA dentro do campo da educação. A posição de autor e autora descreve benefícios e malefícios da adesão da Inteligência Artificial em sala de aula. Entre as possibilidades disruptivas positivas, eles elencam: a) tradução de textos; b) aprendizagem interativa; c) aprendizagem adaptativa; d) tutoria personalizada; e) avaliação automatizada de produções textuais. Os itens d) atenção personalizada ao aluno, e e) avaliação automatizada de produtos textuais são ressaltados pela matéria da Folha (Palhares, 2024a) e pelo Governo de São Paulo (2024) na decisão de inserir a Inteligência artificial na sala de aula, como referência para produção de material pedagógico. “As aulas digitais passaram a ser produzidas e distribuídas para as escolas no ano passado. Elas são a principal aposta de Feder para melhorar os indicadores educacionais de São Paulo – a estratégia é a mesma que ele usou quando era secretário do Paraná” (Palhares, 2024a). Para Feder, secretário da Educação e empresário do ramo tecnológico, a substituição do humano pela máquina na preparação de aulas e seleção de conteúdo também foram defendidas como benefícios da IA na escola, ignorando completamente sua limitação inscrita pelos bancos de dados que as alimentam. Segundo a secretaria da educação, “a ferramenta vai ser usada para melhorar o que foi elaborado anteriormente pelos professores” (Palhares, 2024a).

Quanto aos problemas ressaltados por Baidoo-Anu e Anshah (2023), são indicados f) a supressão da interação humana; g) falta de criatividade; h) aprendizado limitado e controlado pelos bancos de dados, e a consequente dependência dos bancos

de dados; i) viés nos dados de treinamento da IA (sobre os quais se sabe muito pouco); j) Falta de compreensão do contexto em que as informações geradas automaticamente foram produzidas e k) a privacidade, visto que ao usar uma IA somos forçados a um contrato com as empresas. Esse item k) é pra mim o impeditivo legal na adoção de empresas de *big tech* para educação de menores de idade em ensino público. De acordo com diretivas legislativas, eles não podem livre e conscientemente aceitar correr esse risco. No entanto, Palhares (2024b) informou que o gasto em licitação para contratação de empresas que oferecem soluções em IA para os problemas da educação básica paulista superará 17 milhões de reais. Um custo ignorado é e a cessão de dados de 3,5 milhões de estudantes em menoridade para alimentar um mercado globalizado de probabilidade e consumismo.

As grandes preocupações citadas por Baidoo-Anu e Ansah (2023) podem ser projetadas na produção textual, parte integrante da formação linguística que está diante de uma promessa de automação e transformação em uma atividade de comandos à máquina (*prompting*). É verdade que “[m]udanças sempre trazem conflitos, reflexões e exigem novos direcionamentos a serem tomados individual e coletivamente” (Cavalcante e Lemos, 2023, p. 5), no entanto acredito ser necessário defender alguma estabilidade teórica: no domínio do conhecimento de gêneros textuais, ChatGPT não pode ser considerado um gênero textual.

Embora uma ferramenta que prometa revolucionar o mercado de trabalho, as possibilidades do ChatGPT para a educação linguística estão em discussão e tem incentivado muitos pesquisadores a tomarem a interação com a máquina como um ponto de partida, uma testagem prática do que pode a máquina, colocando-a em escrutínio. Arrisco-me dizer que esse tipo de reflexão marca uma primeira fase – ainda um tanto experimental – do pensamento acerca da interação humano-IA na produção de conhecimento linguístico e, sobretudo, na produção escrita. Essa perspectiva, além de um desejo de produzir inteligibilidade a respeito desse novíssimo fenômeno social, é marcada por um desejo de entender suas capacidades: Como funcionam as IAs? O

que podem? São confiáveis como instrumento de conhecimento? Assim, esse *momentum* da investigação em Linguística Aplicada é marcado por uma interação com o ChatGPT. Essa interação é parte dos movimentos metodológicos e central à geração dos dados analisados pelos artigos de Pinho, Gaspar e Sassi (2024), Gonçalves e Coitinho (2023), e Brito e Lopes (2023). Estes últimos analisam em um texto produzido pelo ChatGPT aspectos de discursividade e textualidade. Comento alguns achados desses trabalhos.

Pinho e colegas (2024), por exemplo, testaram ferramentas de Inteligência Artificial para avaliação de redações quanto a sua adequação ao tema. Seu objetivo principal foi elencar e comparar distintas ferramentas providas por Inteligência Artificial para classificação de fuga ao tema em redações, visando fomentar um sistema de correção inteligente e autômato. A partir do argumento de que “a aplicação de tecnologia da informação à educação tem suscitado pesquisas em prol de auxiliar professores no processo de correção e identificação de problemas no aprendizado da produção textual de alunos.” (Pinho; Gaspar; Sassi, 2024, p. 5), a eficácia da Inteligência artificial no auxílio de correções foi colocada em questão. Diante do cenário de precariedade conhecida do trabalho de corretores de redação, que envolve grande volume de redações e pouco tempo de atenção por redação (1min30 a 5min), autor e autoras acreditam que as IAs podem fornecer um cenário de trabalho mais digno para professores corretores de textos e, testaram quais seriam as ferramentas mais úteis, e que apresentavam menos erros. Eles chegaram à conclusão de que é “possível mensurar se a redação está aderente à proposta de tema informada, o que pode trazer importante conhecimento ao avaliador ou docente em relação à evolução dos alunos na produção textual, com marcações parágrafo a parágrafo” (Pinho; Gaspar; Sassi, 2024, p. 25). O estudo comparou diversas abordagens de Inteligência Artificial para detectar desvios temáticos em textos e determinar aquelas que apresentaram melhores desempenhos para suportar um sistema inteligente de correção de redações. Em

conclusão, “o modelo que teve a melhor acurácia foi a Rede Neural Convolutiva¹¹, com resultados de até 89% de acurácia e taxa de falsos positivos (FP) de apenas 5,7%” (Pinho; Gaspar; Sassi, 2024, p. 25). O trabalho deles procurou, contudo, promover a autonomia do professor, propondo métodos para auxiliá-los nas tarefas de correções textuais, sem nunca prescindir de supervisão humana. De fato, os números atestam a necessidade da revisão humana, e não o contrário, como propõe Feder, o secretário da educação de São Paulo. Na proposta dos autores, a IA poderia otimizar tanto a experiência do aluno quanto do professor, que fica responsável por corrigir a IA, que corrige o aluno, interpolando um elo maquínico no ensino de língua.

Os softwares corretores já são empregados na gestão Tarcísio-Feder. Renato Feder¹² – empresário do setor de tecnologia e atual secretário da educação – tem promovido uma digitalização¹³ no ensino público paulista a partir de investimentos milionários que não são revertidos em infraestrutura pública, mas na compra de serviço de empresas privadas. Por exemplo, invés de construir uma biblioteca ou sala multimídia, investe-se milhões na compra de um software (Elefante Letrado) que estimula leitura a partir de coleções de livros. Na argumentação dos políticos, o grande trunfo da educação paulista seria justamente os contratos milionários com empresas privadas. Além das aulas digitais (slides), que passaram a ser produzidas no ano passado em uma aposta de Feder para padronizar o que é ensinado nas escolas estaduais, e da adoção do ChatGPT para a produção das aulas, o *fluencímetro* também está sendo empregado na rede pública como ferramenta na correção de textos e leitura. A plataforma Elefante Letrado oferece soluções para problemas relacionados a leitura, entre eles um teste de fluência que avalia o letramento infantil já usado na rede pública

¹¹ O ChatGPT é uma grande estrutura lógica composta de diversas técnicas de inteligências, incorporando desde as redes neurais convolucionais até mecanismos de atenção.

¹² Feder é o mesmo político envolvido em 2023 no escândalo da renúncia do Estado a adesão de livros didáticos impressos, relegando como único material didático, os *slides* cuja produção orienta. O governo paulista recuou frente a duras críticas e acabou aderindo ao PNL (programa nacional do livro didático), no entanto manteve a centralidade pedagógica nos *slides*.

¹³ Digitalização deve ser entendida literalmente, pois todo material didático diverso e impresso tem sido preterido por slides que buscam a padronização do conteúdo.

de São Paulo. A licença de uso do fluencímetro custará aos cofres de São Paulo o montante de 6 milhões de reais, de acordo com a Folha (Palhares, 2024a).

O segundo estudo comentado nessa seção é o de Gonçalves e Coitinho (2023). Eles realizaram sete perguntas sobre educação ao ChatGPT tensionando a pressuposição ficcional de que os sonhos assinalariam uma distinção entre homem e máquina. Ao analisar as respostas e réplicas oriundas das interações com o chat GPT, autor e autora identificaram uma predileção maquínica por tendências liberais e neoliberais de educação. A criticalidade capital, indispensável a uma educação assumidamente política e comprometida com a liberdade foi obliterada. Na resposta da questão 1 *Com qual tipo de educação você sonha?*, eles relatam que o

“pensamento crítico” ou “educação holística”, acabam esvaziados de sentido perante o predomínio de vozes que se alinham com a perspectiva neoliberal de um ensino que busca “preparar os alunos para os desafios do mundo moderno”, para se adaptarem “às mudanças nas carreiras e na sociedade” e para “a resolução de problemas globais”, isso é, que visa reforçar as frentes de trabalho a partir de sujeitos aptos a contribuir para a manutenção do *status quo*, não a lutar pela sua superação. (Gonçalves; Coitinho, 2023, p. 16)

Autor e autora reproduzem as respostas oferecidas pelo ChatGPT que conclama a Tendência Liberal Renovada Progressivista (Libâneo, 1994) e a Tendência Liberal Tecnicista (Libâneo, 1994), para justificar uma formação educacional informada pelo neoliberalismo, que privilegia os desejos do mercado como parâmetros de ensino e obliteram completamente uma formação crítica. O ChatGPT, ademais, teria incluído em seu modelo sonhado de educação a disciplina decretada na ditadura militar Educação Moral e Cívica como um exemplo de formação cidadã e ética, mostrando um viés de extrema-direita que discursivamente elogia ou nega um momento nacional de violência e perseguição.

Nesse ponto vale a pena perguntar: **Quem alimenta o monstro?** Existiria um esforço coletivo de uma frente de direita internacional para alimentar as redes – e consequentemente os softwares aprendizes – com conhecimentos que refletem seus

pensamentos políticos e tentam impor uma visão de mundo fascista ao novo guru do conhecimento? Seria essa a razão pela qual o governo de Tarcísio urge pela implementação das IAs como pontos centrípetos do conteúdo a ser conhecido pela formação pedagógica básica? Se uma IA se alimenta da Internet podemos ter certeza de que seu viés será de ultradireita, pois, não apenas se sabe que “a atual infraestrutura das novas mídias possui um viés político, e que esse viés político é favorável à direita iliberal, aos conspiracionismos e às demais forças anti-estruturais que ressoam em seu entorno” (Cesarino, 2023, p. 87-88), mas também foi declarado por Steve Bannon que uma frente de direita internacional objetivava inundar a internet com conteúdo corrompido, gerando uma pragmática do caos (Silva, 2020). A alimentação de inteligências artificiais de forma não ética é um dos principais interesses para alguém que deseje impor uma visão de mundo normativa e anti-diversidade, e parece ser uma atividade banalmente paralela à maciça distribuição de *fake news*, e a produção de sites de conteúdo distorcido e manipulador como o Brasil Paralelo.

Ao questionar as respostas do ChatGPT, Gonçalves e Coitinho não apenas conseguiram a retificação desejada, mas ensinaram à máquina. Concluem que os sonhos do ChatGPT são “uma experiência (ou de um sonho) polifônico simulado, uma vez que as principais vozes presentes no texto (dos criadores do banco de dados da IA) seguem invisíveis, mascaradas” (2023, p. 25). Embora o gesto inovador de Gonçalves e Coitinho tenha provido resultados muito convincentes a respeito da aptidão da máquina para se afiliar a uma ideologia tecnicista, neoliberal e ideologicamente enviesada, a pesquisa diz mais sobre o banco de dados que informou o ChatGPT do que a respeito do desempenho da plataforma. Para saber os vieses ideológicos a partir dos quais a máquina é treinada é preciso fazer um estudo estatístico da base de textos que informou o treinamento da máquina. Esta base que educou o GPT 3.5 (a versão disponibilizada gratuitamente) é gigantesca e conta com 45 *terabytes*¹⁴ de dado bruto. Essa tarefa se torna ainda mais complicada se

¹⁴ Um *terabyte* equivale a mil *gigabytes*.

interrogamos o ChatGPT 4.0 cuja base de aprendizado inclui além de textos escritos uma quantidade inestimável de textos visuais e auditivos. Outra complicação no estudo de base de dados que informa o ChatGPT 4.0 é o fato de ele ser capaz de gerar seu próprio conteúdo, o que em outras palavras significa dizer que ele pode se autoalimentar e produzir materiais por meio dos quais ele aprende. Como as células HeLa, ele passa a reproduzir-se. Em outras palavras, ele pode se tornar uma forma de inteligência crítica e reflexiva e ocupar uma posição de autoria.

Se um texto é um exercício crítico, como tal ele não pode ser alienado. É nisso que convém a autoria. E se a máquina escreve um texto, existe um treino, que para aquele que escreve se limita ao comando, enquanto a reflexão crítica é feita artificialmente. Ao discutir e regular o uso da Inteligência Artificial na educação linguística, o que está em questão é qual tarefa será delegada à máquina e qual tarefa será considerada um privilégio humano? Essa questão é frequentemente tomada pela via da autoria e da ética, embora possa ser pensada pelo ponto de vista técnico-capital.

O compromisso ético é o que permite ao autor assinar o texto e o que garante ao professor – e ao orientador e aos componentes das bancas de qualificação e defesa – a sua idoneidade. A ética é o que leva o autor a compreender que não deve citar ou referenciar alguém que não leu ou a cujo discurso não acedeu. O que o ChatGPT permite é ignorar essa ética, burlar essa ética, não apenas para o professor ou a banca, mas para o próprio autor, que considera que, com base na demanda que fez, desconhece as fontes que o sistema buscou para construir o texto (Cavalcante; Lemos 2023, p. 9).

A reconceptualização ética da noção de autoria é polêmica, pois as pessoas nutrem relações muito distintas com suas produções criativas. Por um lado, a manutenção de uma autoria forte e defendida por leis permite argumentar pelo direito de que todos os envolvidos na geração e produção de dados deveriam ser considerados acionistas das empresas de *big tech* que lucram com a comercialização desses dados. Estar envolvidos nos dividendos gerados pelas empresas a partir de seus dados, parece ser um sinal de uma democracia forte que respeita a privacidade. Por

outro, a autoria híbrida é um levante tecnicista que propõe a otimização dos processos como principal dimensão ética do trabalho com textos. Pimentel, Azevedo e Carvalho (2023) discutem ChatGPT pela perspectiva da autoria híbrida. Esse ângulo contempla autoria humana/IA a partir de um diagrama que distribui as atividades entre quem escreve e a plataforma. O híbrido evidencia de que forma esta IA generativa atua quando é acionada. De acordo os autores, o ChatGPT não realiza questionamentos para uma possível correção das respostas, não assume o controle da conversação, não tem a intenção de solicitar que o usuário digite algo específico, não possui um currículo a ser ensinado, não planeja o conteúdo a ser aprendido e não pretende desempenhar o papel de professor (Pimentel; Azevedo; Carvalho, 2023, p. 1). Inspirados por esse entendimento, poderíamos dizer que o ChatGPT é uma autoria técnica? Olhando pelo ângulo da técnica, da prática na produção de textos, nos resta questionar: qual o estatuto do treino? Qual a importância de um aprendizado prático? A resposta não será a mesma para todo campo do conhecimento, portanto reformulemos: Qual a importância de uma aprendizagem prática e socialmente situada para educação linguística?

O ChatGPT absorve o treino. O software praticará por nós, porém, diferentemente da calculadora, poderá aprender com tal prática. Já as gerações educadas via ChatGPT designarão esse aprendizado prático ao processamento de dados. O que respalda tal argumentação são os conceitos de gênero e letramento e seu enlace com o campo das práticas contextualizadas de linguagem. No campo da Linguística Aplicada, os conceitos de letramento e gênero discursivo tem sido mais do que conceitos basais, são prioridades epistêmicas, sobretudo na educação linguística, área em que oferecem instrumentos de reflexão e orientação teórica para a prática da escrita.

4 Gêneros discursivos e o ensino de línguas

Gêneros discursivos são práticas languageiras específicas, que como tal possuem regras, contexto e são circunscritas por temas e estilos. *Gêneros discursivos* ou *textuais* foi cunhado pelo linguista russo Mikhail Bakhtin e seu círculo. Seguindo-os, uma forma de definir gênero textual seria: **forma de composição discursiva em situação concreta de enunciação**. O conceito de gêneros do discurso expressa interesse pelos usos da linguagem e suas configurações relativamente estáveis que atendem a propósitos sociais e que precisam ser entendidas à luz de sua historicidade. De acordo com Rojo e Barbosa (2015), o gênero tem entre seus elementos integrantes e indissociáveis o **tema**, a **forma de composição** e **estilo**. No entanto, pela perspectiva da unidade de sentido devem ser ressaltados o enunciado, ou texto, como elementos componentes do gênero. Embora se refiram a ritos discursivos, formas de dizer estáveis em nossa sociedade, gêneros discursivos são também flexíveis. Sua flexibilidade é ressaltada por Bakhtin (2003) pelo signo da estabilidade relativa: apesar de certa estabilidade, eles variam respeitando diferenças culturais, linguísticas e históricas. Isso se dá, porque gêneros integram práticas sociais situadas (Rojo; Barbosa, 2015), fomentando sensibilidade para o fato de que é na vida vivida da língua – no cotidiano, no menor gesto simbólico – que enunciamos e materializamos nossos textos orais, escritos e multimodais. O interesse pelos gêneros textuais ilustra o interesse comunicativo e dialógico de Bakhtin pela enunciação, pois não apenas “[a] enunciação é de natureza social” (Bakhtin, 1995, p. 109), mas o “centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo” (Bakhtin, 1995, p. 117).

Nas últimas décadas, muitos centros de pesquisa vêm discutindo a relevância das concepções bakhtinianas no cenário educacional brasileiro, em especial, da teoria dos gêneros – revisitada e ampliada por diferentes perspectivas investigativas como a análise de objetos multissemióticos, o embasamento de propostas de práticas docentes e de materiais didáticos, e pelas discussões críticas acerca do papel da escola diante

dos novos gêneros. As teorizações acadêmicas referentes a gêneros do discurso revelam-nos construtos imprescindíveis para a ressignificação crítica das práticas didático-pedagógicas no campo do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita na escola. Em conferência para ALAB em 2020, Roxane Rojo explica que a presença do gênero textual nas bases curriculares nacionais são uma expressão do sucesso de políticas linguísticas que floresceram na proximidade entre a produção de conhecimento linguístico e políticas educacionais, sobretudo por intermédio do trabalho do professor Wanderley Geraldi. Para Rojo (2020), há um impacto inegável e uma influência visível da teoria bakhtiniana no currículo brasileiro desde a publicação do PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), onde o conceito surgiu pela primeira vez, ainda que inadjetivado. Por esse motivo, o PCN de 1998 é um marco na educação linguística brasileira pela mudança conteudística que representa: mudança de foco de ensino na gramática e redação para práticas de produção, compreensão e análise linguísticas contextualizadas. A partir do conceito de gênero, o ensino da língua viva se consolidou no currículo brasileiro. Essa mudança reflete nossas demandas textuais e sociopolíticas. No contexto universitário, os gêneros são instrumentos de organização disciplinar e prática de conhecimento de textos:

um dos desafios para quem se ocupa da formação de bacharéis e licenciados é a projeção de atividades que possibilitem o desenvolvimento do futuro profissional. As práticas discursivas, materializadas em diferentes gêneros do discurso acadêmico – resumo, resenha, resenha temática, ensaio, artigo de opinião, artigo científico, projeto de pesquisa, relatório de pesquisa, monografia de conclusão de curso, entre outros, permitem apreender os processos de constituição do sujeito, seja pelas habilidades que o acadêmico mobiliza acerca de determinados objetos e conhecimentos do campo formativo, seja pela capacidade que demonstra para agir, por meio da linguagem, de modo autoral e autônomo (Brito; Lopes, 2023, p. 4).

Uma das teses defendidas por Marcuschi (2008) é o fato de não se poder comunicar verbalmente senão por meio de algum gênero. Marcuschi os explica como incontornáveis práticas sociais: “Inevitáveis relações entre escrita e contexto fazem

surgir gêneros textuais e formas comunicativas, bem como terminologias e expressões típicas.” (2001, p. 19). Nessas obras e em muitas outras, se estressa no cenário brasileiro o produtivo emprego dos gêneros textuais para ensinar língua materna com base nos usos sociais da linguagem. Pode-se dizer que no Brasil o ensino de língua é sustentado por duas vertentes teóricas: a concepção de gêneros de discurso, de herança bakhtiniana, e a concepção de letramento ideológico, originada em Street (1984).

5 Ferramentas de geração de texto são meta-gêneros

Cerruti-Rizzati sugere que houve uma “vulgarização científica [dos gêneros textuais] em manuais, cursos de formação continuada, apostilas e afins” (2012, p. 251), prototípica de toda movimentação teórica e conceitual, na qual deriva em alargamento ou imprecisão do termo. Esses movimentos de sentidos refletem um movimento de consolidação, ampliação e legitimação de um novo olhar para o processo de ensino da língua materna à luz das vertentes bakhtinianas. Cerruti-Rizzati explica: “Concebemos que a expansão de uma vertente teórica tem como correlatos espraiamento conceitual e implicações hermenêuticas inerentes ao fato de que as apropriações conceituais se dão por filtros axiológicos e de filiação epistemológica” (2012, p. 251).

Uma dessas “vulgarizações” conceituais se expressa na crença de que o ChatGPT poderia ser configurado como um gênero discursivo. Ferramentas de geração de texto são meta-gêneros, são softwares que a partir de um banco de dados gigantesco conseguem criar um gênero específico. Essa é a perspectiva defendida aqui, apelando no GPT para sua qualidade de produto e não processo. E sobretudo, de instrumento de acumulação capital, cujos reais riscos não estão sendo compartilhados com a sociedade. Certamente existe um gênero discursivo que engloba os envios de comando ao GPT e um letramento demandado para sua navegação (o *prompting* atesta para isso!), contudo, o conhecimento desses comandos não nos permite gerar um texto do gênero GPT mas de qualquer outro gênero textual que possamos desejar: uma peça

de teatro, um contrato, uma redação, a escrita de um e-mail, um post de *twitter*. O produto da interação com o ChatGPT se enquadrará necessariamente em outro gênero. Portanto, ChatGPT não é um gênero discursivo como um blog, um post em rede social ou comentário, ele é uma ferramenta de domínio dos gêneros. Ele fabrica textos que se enquadram em gêneros discursivos específicos. Esse gesto é extrativo e não criativo, pois ele reorganiza/reescreve textos que estão armazenados em seu banco de dados.

O gênero discursivo tem como função viabilizar sentidos, significações, apreciações e é nesse sentido que ele deve ser trabalhado na escola: observando a língua viva se desenrolar nas práticas sociais e permitindo a produção de sentidos como uma prática crítica e contextualizada. Ao seguir comandos o GPT produz textos, entregando-os prontos e suspendendo a prática. Não fomenta, portanto, criticalidade e tem a estranha característica de oferecer produtos textuais a-contextuais.

Referente à produção autoral escrita e artística, as IAs são mecanismos de entextualização de banco de dados semiótico. Entextualização é um processo de tomada ressignificativa de um texto que conta com sua descontextualização – extração de seu contexto de origem – e com a conseguinte recontextualização – inserção textual em outro contexto social distinto do primeiro. O ChatGPT entextualiza textos com que aprendera, removendo seus contextos de produção e criando a partir deles, novos produtos textuais. No limite, **é um processo de recombinação do existente e não de criação do possível**. Tendo em vista o que se sabe acerca dos gêneros discursivos e da capacidade gerativa da Inteligência Artificial, não é possível estipular o domínio do ChatGPT como um domínio de gênero textual de qualquer tipo. Em verdade, dominar o ChatGPT envolve saber argumentar e reformular seus comandos quando necessário. Não se pode aprender isso somente em contato com a plataforma, mas lendo e escrevendo em práticas humanas situadas. Em decorrência do exposto, não penso ChatGPT como ferramenta adequada à prática da escrita em idade escolar. Sugiro pensar em seu domínio como um meta-gênero. Uma pessoa que consiga respostas claras do GPT, que tenha seus comandos bem executados pode redigir uma petição,

um poema ou uma dissertação sem ter escrito nada, nem nunca ter lido uma amostra de cada gênero. Em outras palavras, criamos uma máquina que permite executar perfeitamente o trabalho com gêneros.

Resta saber se devemos então nos preocupar com coisa “mais importante” ou resistir em que os gêneros sejam coisa humana, uma competência linguística e da vida que os sujeitos devem dominar. A resistência parece fácil no campo da educação crítica, democracia e justiça social, mas pode ser considerada descabida por uma perspectiva capitalista, tecnicista, neoliberal e neoconservadora. Uma ilustração dessa posição é fornecida pela Folha tocante o já comentado teor das políticas educacionais baseadas no GPT em São Paulo: “O secretário [Feder] defende que o material produzido sob sua orientação é mais adequado para orientar aulas, já que prioriza os conteúdos que são cobrados em avaliações nacionais como o SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica)” (Palhares, 2024a). Nas palavras do governador, essa priorização alcança sua mais profunda preocupação na educação infantil: “Quem se alfabetiza melhor é quem vai melhor lá na frente, é quem vai ter o melhor resultado na Prova Paulista, no Provão Paulista e no vestibular. E aí, de fato, nós precisamos cuidar da base e alfabetizar na idade certa”, afirmou o governador de acordo com São Paulo (2024). Embora esteja explícito o direcionamento da educação pelo secretário e governador para o desempenho em testes em detrimento de uma educação interessada nos gêneros discursivos em si, é creditada às plataformas soluções mágicas de conversão de alunos não fluentes para alunos aptos aos testes e avaliações empregados pelo Estado para mensurar a qualidade da educação. As iniciativas não são necessariamente focadas na melhoria da educação, mas na adequação do conteúdo ensinado aos modelos avaliativos da educação. O foco é nos resultados numéricos e não numa educação emancipadora. **O que está em jogo é a dessacralização da leitura e escrita como tecnologia de emancipação política.** Isso envolve um abandono dos desejos do aprendizado para autonomia, e a certeza de que o letramento crítico é uma arma política, princípios que acredito serem difíceis de abandonar. Ademais, envolve

aceitar um argumento indigesto: aquele de que o aprendizado se torna instrumental dos processos capitais em curso e que passa a servir ao mercado de trabalho acriticamente e independente do desenvolvimento pessoal. Dessacralizar, ademais, vai significar lidar com diferentes formas de autoria e reminiscência, mas não pode significar desistir do aprendizado de leitura e escrita. O ensino não pode prescindir da escrita. No entanto, teremos que lidar também com uma percepção subjetiva a respeito do que deveria ser tarefa maquínica e o que deveria ser tarefa humana. Quando alimentada exaustivamente, as inteligências artificiais serão capazes de superar os humanos em todas as suas tarefas, pois carregará um pouquinho de cada um dos mortos de nossa geração. A IA carrega um pouco de cada um que interage com ela. O que ela deixa? Ou melhor, o que ela deixa, além do enriquecimento das companhias por trás das IAs?

6 Considerações finais

O ChatGPT é uma tecnologia que promete revolucionar o mercado de trabalho e o estatuto de atividades até então consideradas humanas, como a escrita. Isso significa que, em pouco tempo, o *prompting* será uma questão de letramento cara ao conhecimento linguístico e que esse tipo de conhecimento digital será relevante também para o desenvolvimento humano social e profissional dos educandos. A dimensão profissional é o único argumento irrecusável a favor do uso do ChatGPT no ensino. Não é o acesso à informação, não é letramento, não é gênero científico: é a aquisição de ferramentas textuais para lidar com um mercado de trabalho em perpétuo movimento, onde se fazem e refazem novas demandas de produção textual. As IAs gerativas de texto como GPT, Bard, Gemini serão ferramentas essenciais ao trabalho profissional com textos. Isso, contudo não indica sua imprescindibilidade à sala de aula, um contexto social outro, que prevê a prática como orientadora dos processos pedagógicos. Não há consenso quanto ao uso do ChatGPT em sala de aula. Benéfico ou não ao aprendizado, este artigo ressalta evidências abundantes de que sua presença

na sala de aula colabora para o sucesso de empresas como OpenAI ou Elefante Letrado no desenvolvimento de suas máquinas aprendizes, o que aponta para um típico privilégio neoliberal do sucesso capital de empresas em detrimento das melhorias concretas na educação popular. É também óbvio que uma máquina que gera textos não ensina a escrevê-los, apenas os fornece prontos a partir de seu banco de dados de exemplos textuais de linguagem natural. Nesse sentido, eles também não fomentam criatividade, pois são alimentados por bancos já existentes, o que coloca questões relevantes referentes à autoria e ética.

A Inteligência Artificial não é inerentemente má ou boa, como toda tecnologia. Ela é um tijolo: pode ser usada para edificação ou pode ser arremessada contra a educação crítica e seus promotores, menosprezar o ensino político, edificar suas ideologias neoliberais e atentar contra a privacidade de milhões de menores de idade. Sua implementação não pode ser imposta, antes de discutida com a sociedade civil, de forma a abordar claramente questões de privacidade, ética, autoria, criatividade e de economia. Sobretudo é necessário que a discussão dos riscos envolva a sociedade civil, pois a IA é uma tecnologia em perpétuo desenvolvimento. É um monstro, que alimentado por nós, um dia poderá morder-nos a mão. Não sabemos se, alimentadas, elas nos servirão ou se voltarão contra nós. A alimentação (fornecimento do maior número possível de informação) é uma aposta. Que não deve ser feita no escuro.

A expansão, popularização e mercantilização da Inteligência Artificial sugere que nossa era será marcada pela entrada em um regime de reminiscência digital altamente desregulado e acima de qualquer questão ética. Como as células HeLa, pequenos pedacinhos de nossa subjetividade permanecerão. Se como sugerem a polifonia de Bakhtin e as tramas enunciativas de Benveniste, carregamos nossos mortos sempre que falamos, então a era da reminiscência digital fará aparecer em bits os discursos que sustentam nossos corpos e nossa subjetividade, aqueles que a sustentaram em vida e mesmo depois da morte.

Dedico esse escrito a meu companheiro Daniel Victor Teixeira Lima que me sugeriu não temer as máquinas aprendizes, mas os homens que as ensinam.

Referências

ANDERSON, P. Balanço do Neoliberalismo. In: SADER, E.; GENTILI, P. (ed.) **Pós-neoliberalismo**: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 9-23.

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA 2024. São Paulo: **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**, ano 18, 2024.

BAIDOO-ANU, D.; ANSAH, L. O. Education in the era of generative Artificial Intelligence (AI): understanding the potential benefits of ChatGPT in promoting teaching and learning. **Journal of AI**, v. 7, p. 52-62, 2023. DOI <https://doi.org/10.61969/jai.1337500>

BAKHTIN, M. Gêneros discursivos. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1995.

BRITO, R. F.; LOPES, M. Â. P. T. Constituição do sujeito acadêmico em tempos de ferramentas de Inteligência Artificial. Um olhar filosófico-discursivo. **Sapere aude – Belo Horizonte**, v. 14 – n. 27, p. 54-75, jan./jun. 2023. DOI <https://doi.org/10.5752/P.2177-6342.2023v14n27p54-75>

BUZATO, M. E. K. Inteligência artificial, pós-humanismo e Educação: entre o simulacro e a assemblagem. **Dialogia**, São Paulo, n. 44, p. 1-20, e23906, jan./abr. 2023. DOI <https://doi.org/10.5585/44.2023.23906>

CAVALCANTE, I. F.; LEMOS, E. C. Reflexões sobre a produção do conhecimento em face da Inteligência Artificial. **Revista de Educação**, PUC-Campinas, v. 28, e238671, 2023. DOI <http://doi.org/10.24220/2318-0870v28e2023a8671>

CERUTTI-RIZZATTI, M. E. Ensino de língua portuguesa e inquietações teórico-metodológicas: os gêneros discursivos na aula de português e a aula de português como gênero discursivo. **Alfa, Rev. Linguíst.**, São José Rio Preto, v. 56, n. 1, 2012. DOI <https://doi.org/10.1590/S1981-57942012000100011>

CESARINO, L. **O mundo do avesso: verdade e política na era digital**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

COULDRY, N.; MEJIAS, U. A. **The costs of connection: how data is colonizing human life and appropriating it for capitalism**. Stanford: Stanford University Press, 2019. DOI <https://doi.org/10.1515/9781503609754>

GOLÇALVES, E. C.; COITINHO, J. B. O ChatGPT sonha com ovelhas elétricas? Uma análise bakhtiniana da IA a partir de perguntas sobre educação e tendências pedagógicas. **Texto Digital**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 4-30, 2023. DOI <https://doi.org/10.5007/1807-9288.2023.e96973>

HELMOND A. The platformization of the web: making web data platform ready. **Social Media+ Society**, v. 1, n. 2., set. 2015. DOI <https://doi.org/10.1177/2056305115603080>

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortês, 1994.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MARCUSCHI, L. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. *In*: MARCUSCHI, L. **Oralidade e Letramento**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEJIAS, U. A.; COULDRY, N. Datafication. **Internet Policy Review**, v. 8, n.4, 2019. DOI <https://doi.org/10.14763/2019.4.1428>

MOITA LOPES, L. P. (org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

OPENAI Introducing ChatGPT. 30 nov. 2022. Disponível em: <https://openai.com/index/chatgpt/>.

OSTERWALDER, A.; PIGNEUR, Y. **Business model generation: a handbook for visionaries, game changers, and challengers**. v. 1. New York: John Wiley & Sons, 2010.

PALHARES, I. Gestão Tarcísio vai usar ChatGPT para produzir aulas digitais no lugar de professores. **Folha de São Paulo**, São Paulo. 17 de abril de 2024a. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2024/04/gestao-tarcisio-vai-usar-chatgpt-para-produzir-aulas-digitais-no-lugar-de-professores.shtml>.

PALHARES, I. Ministério Público cobra explicação da gestão Tarcísio sobre o uso do ChatGPT para produzir aulas. **Folha de São Paulo**, São Paulo. 18 de abril de 2024b. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2024/04/ministerio-publico-cobra-explicacao-da-gestao-tarcisio-sobre-uso-do-chatgpt-para-produzir-aulas.shtml>.

PIMENTEL, M., AZEVEDO, V., CARVALHO, F. ChatGPT: a era da autoria híbrida humana/o-IA. **Revista SBC Horizontes**, 2023. Disponível em: <http://horizontes.sbc.org.br/index.php/2023/03/chatgpt-a-era-da-autoria-hibrida/>.

PINHO, C. M. de A.; GASPAR, M. A.; SASSI, R. J. Aplicação de técnicas de inteligência artificial para classificação de fuga ao tema em redações. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 40, n. 40, 2024. DOI <https://doi.org/10.1590/0102-469839773>

SÃO PAULO. Governo de SP lança parceria com municípios para alfabetizar crianças de até 7 anos. **Governo de São Paulo**, abr. 2024. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/ultimas-noticias/governo-de-sp-lanca-parceria-com-municipios-para-alfabetizar-criancas-de-ate-7-anos/>.

SKLOOT, R. **The Immortal Life of Henrietta Lacks**. New York: Crown; 2010.

RIGHTTOWARN. **A Right to warn about advanced artificial intelligence**. 2024. Disponível em: <https://righttowarn.ai>

ROJO, R.; BARBOSA, J. P. **Hipermodalidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROJO, R. O Ensino de Língua Portuguesa nos últimos 10 anos no Brasil. **Conferências da ALAB**, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XqtgeXX0-7w&t=33s>.

SILVA, D. N. The Pragmatics of Chaos: Parsing Bolsonaro's Undemocratic Language. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 59, n. 1, p. 507-537, 2020. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/01031813685291420200409>

STREET, B. **Literacy: Theory and Practice**. Cambridge University Press: New York, 1984.

VICARI, R. M. Influências das Tecnologias da Inteligência Artificial no ensino **Estudos Avançados**, v. 35, n. 101, 2021. DOI <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2021.35101.006>

ZARIFHONARVAR, A. Economics of ChatGPT: A Labor Market View on the Occupational Impact of Artificial Intelligence. **Journal of Electronic Business & Digital Economics**, (February fev.7, 2023). DOI <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.4350925>

ZUBOFF, S. Big other: Surveillance Capitalism and the Prospects of an Information Civilization. **Journal of Information Technology**, v. 30, n. 1, p. 75-89, 2015.